

O SALÃO

L - 5/ data

De RUBEM BRAGA

O Salão Nacional de Belas Artes é uma coisa que acontece todos os anos, com raríssimas exceções, mais de 50 anos. Tem público: um público meio crente e meio distraído, onde há algumas centenas de parentes de expositores que vão ali por solidariedade, mas há também milhares de pessoas que simplesmente querem vêr pintura.

É diante desse público que os artistas modernos estão comprometendo, pela sua preguiça, pela sua displicência ou pela sua vaidade tola, a causa da arte moderna. Porque acontece isto de engraçado: o bonito, para o artista moderno, é não expôr no Salão. Alguns não expõem nunca ou mandaram apenas uma vez um quadro qualquer e ficaram zangados por não terem recebido o prêmio que acreditavam merecer. Outros compareceram, ganharam sua medalha ou sua viagem - e nunca mais se dignaram a voltar. Os grandes, então, esses "não dão bola". Declaram que o Salão é uma mixórdia ou coisa para cabotinos e principiantes. E se acham um pouco mais importantes pelo fato de não expôr.

Os acadêmicos, não. Os que já não têm mais prêmio algum para ganhar, já fizeram tudo o que podiam fazer na carreira e receberam todas as consagrações - continuam pontualmente a expôr, mandando para o Salão os quadros que consideram melhores. Este ano, por exemplo, qualquer visitante poderia fazer uma idéia bem razoável do que é a pintura acadêmica do Brasil: ali estavam desde os mais novos e obscuros até os considerados mestres no meio acadêmico, os Manuel de Faria, os Oswaldo Teixeira, todos esses.

Ora, a secção moderna apresentava alguns nomes conhecidos e geralmente gente que está esperando a medalha de ouro ou um prêmio de viagem. Mas fora disso apenas um certo número de mediocridades -- e a ausência quasi total dos melhores pintores modernos do Brasil. A distribuição dos prêmios foi este ano muito razoável - Iberê Camargo, Pancetti e Worms eram, no consenso de todos, os mais indicados para os tres melhores prêmios. Mas estou a apostar que Iberê quando voltar da Europa e Pancetti quando voltar do Norte não exporão mais - e Worms voltará ao Salão apenas para pegar o prêmio de viagem, que aliás muito merece - e depois, adeus.

O que há, portanto, não é somente que o público prefere a pintura acadêmica; é também que os pintores acadêmicos preferem o público. Os mo-

4 -
(CONT. 2 - BRAGA) - dornos gostam de mostrar seus quadros aos colegas, aos críticos amigos e a alguns sujeitos ricos que se dizem amantes da arte e que eventualmente podem comprar um quadro ou encomendar um retrato - mas desprezam sistematicamente a melhor oportunidade que há no país de mostrar sua arte ao público. Depois se queixam dele...

RG